

Direitos humanos em aulas de história: uma experiência de ensino com a metodologia World Café

Human Rights in History Classes: A Teaching Experience with World Café Methodology

Pricila Bechtloff*

Nucia Alexandra Silva de Oliveira**

RESUMO

Este artigo apresenta alguns dos resultados de uma pesquisa originada de uma situação de ensino em que o tema dos direitos humanos foi estudado por meio de uma sequência didática organizada com diferentes documentos e metodologias, entre elas a dinâmica do World Café. O trabalho buscou mostrar em que medida as aulas de História poderiam utilizar tal metodologia para situações de ensino e aprendizado de modo consistente, mas também leve e divertido. As proposições de Helenice Rocha subsidiaram a construção da sequência didática e as de bell hooks, Joaquim Prats e Flávia Caimi, entre outros, contribuíram para as percepções sobre ensino de História. Os resultados apresentados evidenciaram que a situação de ensino trouxe discussões importantes para a turma, que articulou boas discussões sobre o tema.

Palavras-chave: Direitos humanos; Ensino de História, World Café, ProfHistória.

ABSTRACT

This article presents some of the results from a study originated from a teaching situation in which the topic of Human Rights was studied through a didactic sequence organized with various documents and methodologies, among which the World Café dynamic. This study investigated to what extent can History classes use such methodology in teaching/learning situations in a consistent way that is also light and entertaining. Propositions by Helenice Rocha have subsidized the construction of the didactic sequence, and those by bell hooks, Joaquim Prats, and Flávia Caimi (among others) have contributed towards perceptions on the teaching of History. The results presented evidence that the teaching situation brought forth some important debates for the class, who articulated proper discussions on the issue.

Keywords: Human Rights; History Teaching; World Café; History.

* Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. prcilabek@gmail.com <<https://orcid.org/0009-0008-4008-2895>>

** Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. nucia.oliveira@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-3793-2480>>

Para que os direitos sejam direitos humanos, todos os humanos em todas as regiões do mundo devem possuí-los igualmente e apenas por causa de seu status como seres humanos. (HUNT, 2012)

Propor a temática dos direitos humanos a estudantes da educação básica nas aulas de História foi a questão motivadora inicial do trabalho apresentado neste artigo, que nasceu das experiências cotidianas de uma professora e seus estudantes frente a situações de preconceito, discriminação e violação de direitos humanos de diferentes ordens. Trabalhando em uma cidade litorânea de intenso fluxo migratório (especialmente relacionado a oportunidades de trabalho no setor de turismo), a professora presenciou situações de xenofobia e momentos de exclusão de estudantes nordestinos ou negros que não eram aceitos nos grupos de trabalho das turmas. Assim, surgiram as perguntas:

- Como negar a função social da aula e de professores de História diante desses aspectos?
- Como promover ações de respeito para a construção de uma sociedade justa, igualitária e fraterna?
- Como resistir por meio da educação – tal como aponta Paulo Freire (1997)?

Afinal, como professores de História, podemos contribuir (e muito) com aulas que tematizem o respeito às diferenças, à dignidade humana e à indignação frente às injustiças, e nos movemos para responder a tais questionamentos, que foram inspiração para a dissertação defendida em 2022 no Mestrado Profissional em Ensino de História, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

A dissertação¹ – em sua experiência de ensino e pesquisa – foi realizada a partir do planejamento e realização de uma sequência didática de 10 aulas sobre Direitos Humanos, desenvolvida com um grupo de estudantes do 3º ano do Ensino Médio na EEB Maria Rita Flor, da cidade de Bombinhas/SC. A sequência foi planejada como processo de estudo, sensibilização, debate e construção de narrativas a partir de metodologias já utilizadas em aulas de História, como aula expositiva dialogada, aula com leitura de textos, aula com debate de docu-

mentários e trechos de filmes. Também se utilizou de uma metodologia chamada World Café, adaptada para a situação de aula de História.

O método chamado World Café foi criado em 1995 por Juanita Brown e David Isaacs (2007). A dinâmica propõe um trabalho coletivo e organizado em etapas: primeiramente os participantes são divididos em pequenos grupos e direcionados a uma das mesas de trabalho, em que serão debatidas questões sobre um tema central. Após algum tempo de debate, há troca de mesa entre os participantes, pois a ideia é que todos circulem pelas mesas e consequentemente pelas questões propostas para estudo. Ao final é feita uma apresentação para compartilhar as respostas ou a reflexão sobre o tema debatido.

Todas as pessoas envolvidas se movem nas mesas, com exceção da pessoa escolhida para ser o “anfitrião”, que fica responsável por receber os convidados e informar o que já foi debatido anteriormente. A referência ao “café” se dá pela sugestão de que no processo de trabalho sejam servidas xícaras da bebida para que esse seja um momento de diálogo, leve e divertido.

Essa dinâmica foi apresentada ao grupo de professores em um momento de formação na escola e utilizada com algumas turmas. Foi avaliada positivamente pelo grupo de professores, haja vista o envolvimento e o aprendizado provocado. No momento de entrada no mestrado profissional, a metodologia do World Café se transformou em objeto de pesquisa, para se realizar uma avaliação mais detalhada sobre suas possibilidades para o ensino de História. A escolha se deu, entre outras razões, para investigar como esse processo pode dialogar com outras metodologias no processo de ensino e aprendizado de História.

Também foi escolhida pela questão lúdica envolvida na situação de sentar-se à mesa de café para um diálogo. Aqui se vislumbrou a oportunidade de estabelecer um canal de estudo e comunicação em que o grupo de estudantes usasse dos conhecimentos históricos estudados para sua formação e debate em temas importantes e sensíveis do presente, como analisaremos a seguir.

Nesse formato, percebeu-se um debate diferente dos formatos que costumemente usam em suas aulas. Assim, foram pensadas as questões-problema da dissertação: em que medida o World Café, como metodologia adaptada à situação de ensino, pode contribuir na aprendizagem dos estudantes de História? E ainda: quais as potencialidades da metodologia para um estudo da temática dos direitos humanos?

Como veremos ao longo da discussão, a ideia da estratégia adotada por meio do World Café é trazer o/a estudante para o centro da construção do ensino-aprendizagem, visto que eles/as se tornam protagonistas durante a aula. Afinal, são responsáveis por dialogar e responder às questões sobre o tema central e no final compartilham suas ideias com a turma toda. Assim, além de fazer a leitura de uma fonte, o grupo de estudantes precisa refletir sobre o fato histórico, resolver uma problematização, dialogar com os/as colegas e posteriormente apresentar uma narrativa à turma.

É importante dizer que a discussão sobre direitos humanos envolve muito desconhecimento e preconceito – aspectos que infelizmente estão também presentes nas rodas de conversas dos jovens, nas redes sociais e mesmo nos ambientes escolares. Trata-se, portanto, de um tema em ebulição e disputa no tempo presente.

Um dos marcos referenciais para o tema é a Declaração dos Direitos Humanos, da Organização das Nações Unidas (ONU), publicada em 1948. O Brasil é um dos signatários desse texto, mas apenas a partir dos anos de 1980 o tema passa a ser debatido no país, ainda dentro do contexto de ditadura militar. Grupos e movimentos sociais passaram a denunciar situações de violação por parte do regime ditatorial, que passou justamente a perseguir aqueles que reivindicavam a pauta dos direitos humanos. Isso trouxe consequências duradouras (VASONE, 2015) e que podem ser percebidas quando a ideia de “direitos humanos para humanos direitos” circula em debates cotidianos.

No Brasil, a temática dos direitos humanos começa a ser colocada em pauta após o processo de redemocratização, tendo como marco a constituição democrática de 1988, chamada de “Constituição Cidadã”. Conforme Flávia Piovesan, somente a partir do processo de democratização o Estado brasileiro passou a ratificar acordos internacionais relativos aos direitos humanos (PIOVESAN, 1996, p. 1).

Na educação, as interfaces passam a ser construídas a partir da Lei n. 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Posteriormente, em 2007, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos e ainda mais recentemente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresentam concepções para o estudo do tema na Educação Básica.

De acordo com o Plano Nacional de Educação:

e) a educação em direitos humanos deve ser um dos eixos fundamentais da educação básica e permear o currículo, a formação inicial e continuada dos profissionais da educação, o projeto político pedagógico da escola, os materiais didático-pedagógicos, o modelo de gestão e a avaliação. (BRASIL, 2007, p. 32)

Por sua vez, a BNCC do Ensino Médio – etapa na qual a sequência didática foi realizada – relaciona como uma das habilidades a ser desenvolvida:

Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços e vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo. (BRASIL, 2018, p. 579)

A redação desses documentos reforça a importância da História como componente curricular que deve avançar sobre a formação integral (intelectual, social e afetiva) das crianças e adolescentes, legitimando o trabalho com o tema dos direitos humanos. Assim, as aulas de História podem e devem contribuir com o desenvolvimento da empatia, da cooperação, e podem promover debates necessários sobre temas como racismo, feminicídio, homofobia e todos os tipos de violência e preconceito.

Segundo Joaquin Prats (2006), o ensino de História deve possibilitar a compreensão do presente e do passado não de modo conteudista, mas com exercícios de crítica que os preparem para a vida adulta. Essa preparação diz respeito a suas identidades, mas também às do outro e de outras culturas e tempos (PRATS, 2006, p. 197).

Cabe mencionar que a temática tem sido abordada em pesquisas consistentes, constituindo um importante acervo para o campo do ensino de História. A pesquisa de Cinthia Monteiro Araujo (2013), por exemplo, aborda o PNEDH a partir da visão de professores e suas dificuldades de trabalhar com a temática dos direitos humanos em sala. O dossiê *Narrativas, direitos humanos e formação de professores*, organizado por Felipe Rodrigues da Silva e

Raquel Venera, na *Revista História Hoje*, em julho de 2020, apresenta um conjunto de investigações e práticas sobre o tema.

Entre as pesquisas presentes no dossiê, foram estudados os trabalhos que versam sobre a formação docente (SILVA, VENERA, 2020; ARAUJO, 2022) e a experiência de estágio supervisionado, articulando questões de memória e direitos humanos (COSTA, 2022). Tais leituras – que representam uma parcela da pesquisa sobre o tema – foram importantes na construção da proposta de trabalho aqui apresentada, pois possibilitaram instrumentos para pensar a prática sobre uma temática sensível e sob disputa.

Também os trabalhos de Pereira e Seffner (2018), e Gil e Mesquita (2020), foram fundamentais para as reflexões sobre as abordagens possíveis com o grupo de estudantes no sentido de problematizar questões como violência, racismo e escravidão – temas do tempo presente e da história.

O PROCESSO DE PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Compreendemos o conceito e as possibilidades de uma sequência didática a partir da pesquisadora Helenice Rocha, ao pontuar que essa metodologia “propicia ao professor e ao aluno a manutenção de visibilidade do todo no tratamento do conteúdo, na busca de atingimento de objetivos, enfim de seu desenvolvimento” (ROCHA, 2005, p. 92). Ela aponta ainda que se trata de uma alternativa para organização do trabalho que seja coletiva e construtora de saberes que extrapolam a ideia de “transmissão” de conhecimentos. Assim, a sequência didática:

Permite o estabelecimento de estratégias didáticas alternadas entre o professor e o aluno, na construção da aprendizagem. Momentos em que o professor, a partir da natureza do conhecimento e do momento de abordagem ao longo da sequência, atua em um eixo predominantemente transmissivo – como nas exposições orais. E outros, em que predominará uma atividade mais construtiva por parte dos alunos - como em trabalhos de pesquisa, análise de fontes, apresentações resultantes de pesquisa e análise etc. (ROCHA, 2005, p. 92)

Inspiradas nessa ideia, considerando as questões propostas pela metodologia do World Café e os conhecimentos sobre o grupo de estudantes, passamos a pensar na maneira mais adequada de realizar a atividade da sequência didática. Optamos por organizá-las a partir dos princípios indicados na própria metodologia do World Café, que propõe:

1º Estabeleça o contexto. 2º Crie um espaço acolhedor. 3º Explore questões significativas. 4º Estimule a contribuição de todos. 5º Conecte diferentes pontos de vista. 6º Escutem juntos para descobrir padrões, percepções e questões mais profundas. 7º Colha e compartilhe descobertas coletivas: faça com que o conhecimento e a percepção coletivos se tornem visíveis e possam levar à ação. (BROWN, ISAACS, 2007, p. 192)

Cada uma dessas etapas foi vivenciada por meio de uma sequência didática de 10 aulas que incluíram momentos em sala e a dinâmica propriamente dita. A primeira tarefa – estabelecer o contexto – foi realizada por meio de estudo do tema dos direitos humanos, que abordou o conceito e sua história. Para a realização dessa tarefa, foram selecionados os seguintes documentos: Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776); Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (França, 1789); Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948).

Também foram selecionados os seguintes documentários: “O que são os Direitos Humanos?” e “30 Direitos, 30 Anúncios” – que foram produzidos e divulgados pela ONG Unidos para os Direitos Humanos. O objetivo dessas aulas, como mencionado, é contextualizar o tema e estabelecer um processo inicial de aprendizado sobre sua história.

A segunda tarefa pensada foi justamente a dinâmica proposta na metodologia do World Café, ou seja, a seleção de temas, eleição das “mesas”, proposição de questões, escolha da figura do anfitrião, espaço de debate e registro. Para a realização dessa atividade, foram selecionados acontecimentos contemporâneos de violação de direitos humanos, histórias de pessoas que ficaram conhecidas por sua luta em prol dos direitos humanos, além de documentos históricos.

Para a mesa 1 foi selecionada a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O texto já havia sido estudado em sala, mas julgou-se importante revisar

alguns pontos para contextualização do debate. Para isso foram feitas as seguintes perguntas:

- O que são os direitos humanos?
- Vocês conhecem a história dos direitos humanos?
- Como eles surgiram?
- Para que servem os direitos humanos?
- Como seria viver sem os direitos humanos?

O assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, que ficou amplamente conhecido, foi o tema selecionado para a mesa 2. Floyd foi um homem negro morto por asfixia provocada por um policial branco em uma abordagem policial extremamente violenta. A morte gerou protestos contra o racismo no mundo todo, fazendo ressurgir o movimento “Vidas Negras Importam” (*Black Lives Matter*). A escolha por esse tema veio suscitada pela importância de debater situações de racismo que acontecem também no Brasil. As perguntas/questões dispostas na mesa 2 foram:

- Caso George Floyd e a busca por igualdade.
- Quais direitos humanos foram violados no caso Floyd?
- Leiam a Declaração dos Direitos Humanos e identifiquem quais direitos foram violados.
- Que atitude vocês teriam ao presenciar esse ocorrido?
- Se fosse com você ou com alguém da sua família, o que faria?
- O que fazer para que isso não se repita?
- A atitude do policial expressou uma atitude racista?

O caso da mesa 3 narra a história de Malala Yousafzai, militante dos direitos das crianças, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, que sofreu um grave atentado ainda na infância no Paquistão – país onde as mulheres e meninas sofrem restrições como a proibição da educação. A escolha por sua biografia no trabalho se deu para colocar em questão a importância do acesso e do direito à educação. Com a história da Malala, um dos objetivos é também desenvolver a empatia dos estudantes e levá-los a perceber que em alguns países o artigo 26º da Declaração do Direitos Humanos ainda é violado. As perguntas da Mesa 3 foram:

- A história de Malala pode ser considerada fonte de inspiração para a luta pelos direitos humanos?
- As mulheres na atualidade sofrem algum tipo de violência?

- Qual o significado da história de Malala para as mulheres?
- Investir em uma educação de qualidade pode mudar o mundo?
- Ao longo da história as mulheres sempre tiveram seus direitos reconhecidos?
- Por que devemos apoiar os direitos humanos das mulheres?

O tema da mesa 4 foi o trabalho análogo à escravidão. O caso selecionado para estudo ocorreu na cidade de Ituporanga/SC, onde foram localizados trabalhadores submetidos a relações de trabalho sem amparo legal, em abrigos precários e sem alimentação digna. O objetivo de trazer essa notícia para debate foi propiciar o estudo sobre as relações de trabalho e como estas também fazem parte dos direitos humanos, possibilitando uma reflexão sobre como ainda existem pessoas que vivem e trabalham sem acesso aos direitos humanos. Foram propostas as seguintes questões para a Mesa 4:

- Violação dos direitos humanos dos trabalhadores. Todos nós nascemos livres e com os direitos iguais?
- Por que ainda existem pessoas sendo escravizadas?
- Em relação ao trabalho escravo, explique e exemplifique esta frase: “o passado que não passa”.
- Identifique na Declaração dos Direitos Humanos qual direito foi violado no caso estudado?
- Mesmo existindo os direitos humanos, por que há pessoas vivendo em situações análogas à escravidão?

Imagem 1 – Um dos grupos em processo de trabalho



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nessa etapa de discussão sobre os temas e respostas às questões, os grupos foram orientados a realizar registros fazendo anotações dos comentários e reflexões. Tal tarefa deu-se em dois momentos: o registo do anfitrião (feito no momento em que este recebia os demais estudantes) e os cartazes produzidos em pequenos grupos a respeito do tema de cada uma das mesas. Esse material será analisado no próximo item.

Por fim, a última atividade realizada na sequência didática foi uma tarefa individual de produção textual em que cada estudante deveria escrever um texto sobre direitos humanos e sobre a experiência da sequência didática, em especial sobre a dinâmica do World Café. Para essa tarefa foram indicadas algumas questões-chaves para auxiliar na produção textual:

- O que são os Direitos Humanos?
- O que poderia ocorrer na sociedade se mais pessoas soubessem e compreendessem completamente o conceito de direitos humanos?
- Cite exemplos de violações de direitos humanos atualmente.

O propósito das atividades de registro e escrita é avaliar o aprendizado desenvolvido nas diferentes tarefas e a metodologia em questão. Para isso todas as respostas foram lidas e organizadas no sentido de perceber o que o grupo de estudantes estudou, anotou, refletiu, como avaliou a experiência de participar das atividades e o que e como aprendeu como ela. Tais aspectos foram solicitados por meio de um enunciado de reflexão proposto junto à redação, como apontaremos a seguir.

A REALIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA E OS RESULTADOS DAS ATIVIDADES

No presente tópico vamos abordar as atividades desenvolvidas na sequência didática considerando especialmente os materiais produzidos pelo grupo de estudantes a partir da dinâmica do World Café. De modo geral, as atividades propostas foram bem recebidas pelo grupo de estudantes: houve curiosidade, interesse e boa participação, especialmente na atividade da dinâmica do World Café, que aconteceu com muito movimento na escola. Houve grande mobilização para organizar uma bela mesa de café da manhã que acompanhou os trabalhos.

Para além desse movimento, a recepção aos trabalhos e a compreensão das questões propostas podem ser percebidas de modo mais efetivo por meio dos registros feitos. Vamos começar pelas anotações feitas pelos anfitriões, ou seja, pelos estudantes escolhidos para ficar em cada uma das mesas e que tinham como tarefa relatar o debate.

A sistematização dos dados das reflexões sobre o tema da mesa 1 está apresentada no quadro a seguir:

Quadro 1 – Mesa 1: Direitos Humanos

Número de respostas recebidas	Temáticas abordadas nas respostas
<p>Sete respostas no total. Todos os grupos que passaram por essa mesa conseguiram dialogar e responder às questões, passadas para o aluno anfitrião registrar.</p>	<p>O enfoque mais abordado nessas respostas foi de que “a Declaração dos Direitos Humanos surgiu após o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de evitar que atos terríveis se repetissem e promover a paz. Viver sem os direitos humanos seria viver sem os direitos básicos. Porém, por mais que eles existam, não são completamente respeitados e cumpridos.” (Anotações da primeira anfitriã, 2021)</p>

Observando os registros feitos pela anfitriã da mesa 1, é possível dizer que, de modo geral, os grupos de estudantes que passaram por essa mesa chegaram a um ponto em comum em relação à existência dos direitos humanos: eles ainda são muito desrespeitados. Também sabem que ainda é um desafio fazer com que esses direitos sejam cumpridos. Conforme o grupo de estudantes deixou registrados nas falas anotadas:

Por mais que os direitos existam ainda há violações dos mesmos. O art.2 nos diz que toda pessoa tem direito a todos os direitos independente de sua etnia, sexo, cor, etc. Mas, em muitos casos, ele não é respeitado, como em situações de racismo, machismo, preconceito e outros. (Registros da anfitriã mesa 1, 2021)

Na sistematização dos dados sobre a mesa 2:

Quadro 2 – Mesa 2: George Floyd sobre o racismo

Número de respostas	Temáticas abordadas nas respostas
Total de 15 respostas dos quatro grupos que passaram por essa mesa.	A temática mais abordada foi o preconceito, e o grande ponto debatido pelos alunos foi o de lutar pelos direitos, tentar intervir sem violência, dialogar e tentar resolver o problema do preconceito por meio da educação.

Analisando os registros feitos pelo anfitrião da mesa 2 – em que foi feito o estudo do caso George Floyd e a busca por igualdade –, foi possível perceber que o grupo de estudantes chegou ao consenso de que é preciso intervir ao presenciar uma cena de preconceito e tentar agir sem violência. O anfitrião registrou que “o grande ponto é tentar reverter o preconceito estrutural, ensinando as crianças desde a escola” (Registro do anfitrião mesa 2, 2021). Outra questão anotada é que as pessoas adultas também devem saber e reconhecer que todos têm o direito à defesa independente de religião, raça, cor, sexo, e de ser livre em dignidade. A última questão do anfitrião dessa mesa foi de que “a polícia tem o dever de proteger os cidadãos, respeitando os seus direitos” (Registro do anfitrião mesa 2, 2021).

O quadro a seguir mostra os dados da mesa sobre Malala – Mesa 3.

Quadro 3 – Mesa 3: Caso Malala e a luta pelos direitos humanos das mulheres

Quantidade de respostas	Temática abordada
Total de 27 respostas dos 4 grupos que passaram por essa mesa.	A abordagem predominante em relação aos direitos das mulheres foi de que muitas mulheres sofrem violência desde a infância em suas próprias casas, locais que deveriam ser seguros. Outro tema que apareceu muito foi de que ainda existe uma cultura do machismo e que ainda vai levar tempo para que mude essa cultura.

A análise das respostas dadas pelos estudantes que passaram pela mesa 3 – em que foi debatida a história da paquistanesa Malala – mostra discussões de que as mulheres devem ter os mesmos direitos e a cultura do machismo deve deixar de existir. De acordo com eles, é preciso que a mudança comece na infância e principalmente dentro de casa: “quando não se têm conhecimentos, as pessoas seguem o que veem, as gerações se mudam com os conhecimentos passados, a cultura e influência moldam as pessoas” (Registros da anfitriã mesa 3, 2021).

Por fim, o último quadro traz os dados da mesa 4.

Quadro 4 – Mesa 4: Violação dos direitos humanos dos trabalhadores encontrados em situação análoga à escravidão

Número de respostas	Temática mais abordada nas respostas
Total de 13 respostas dos quatro grupos que passaram por essa mesa.	Os alunos identificaram os direitos humanos que foram violados: os artigos 4 – “Ninguém será mantido em escravidão ou em servidão; a escravidão e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos”; 5 – “Ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes”; 23 – “Todo ser humano que trabalhe tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana”; e 24 – “Toda pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres, especialmente a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas”. As respostas dos alunos indicaram que existem pessoas que preferem se beneficiar mediante outras, que “teoricamente” o único fator que impediria isso seriam os direitos humanos. Muitas pessoas são submetidas à escravidão em nosso estado, pois são manipuladas, por não possuírem o conhecimento sobre os seus direitos.

Os estudantes que passaram pela mesa 4 concluíram que, por mais que existam leis, algumas pessoas ainda continuam com as mesmas atitudes do passado e não mudam o seu pensamento. Algumas coisas certamente mudaram,

mas a mudança aconteceu somente no papel. “As leis não são aplicadas como realmente deveriam e a fiscalização é falha” (Registro do anfitrião mesa 4); “é explícito que a escravidão acabou com a abolição, porém esta não é a realidade, pessoas continuam sendo escravizadas até hoje” (Registro do anfitrião mesa 4).

Os textos dos anfitriões permitiram perceber que os estudantes desenvolveram o senso sobre a importância da temática e citam os artigos da Declaração de 1948 como referencial e algo a ser respeitado. Outro ponto muito importante foi perceber que os/as estudantes entenderam a importância da resistência ao presenciar situações de preconceito ou de qualquer atitude que viole os direitos humanos. Entendeu-se que resistir é ser a favor da dignidade humana.

Além dos registros do anfitrião, temos também registros e cartazes de síntese – estes feitos em grupos que giravam em cada mesa e produzidos para um segundo momento de debates e escrita, agora coletivo, em que cada grupo apresentaria um dos casos selecionados. Fazemos a seguir a descrição do conteúdo desse material como forma de evidenciar o que cada grupo selecionou como informação a ser compartilhada. Para essa tarefa foram formados quatro grupos.

O grupo 1 trabalhou com Declaração dos Direitos Humanos e iniciou sua apresentação lendo trechos do documento e descrevendo em que contexto foi criado. Ao apresentarem o cartaz, destacaram que dentro dos direitos humanos se encontram os direitos à vida, à igualdade, ao reconhecimento, à segurança social e à liberdade, palavras escritas em cor vermelha. Ainda em suas falas, destacaram o fato histórico que marcou o surgimento dos direitos humanos – após o Holocausto – e que “mesmo esses direitos existindo, eles ainda são desrespeitados, ainda acontece o desrespeito como por exemplo esses casos que foram estudados hoje por nós alunos aqui neste World Café”.

Concluíram dizendo que esses direitos têm o objetivo de promover a liberdade de todos os seres humanos na sociedade, defendendo a não distinção dos seres humanos, encerrando, assim, a apresentação do cartaz e compartilhando suas ideias com o grande grupo.

A apresentação do grupo 2 teve início com um dos estudantes explicando o que entende por racismo estrutural e citando o exemplo do Brasil, um país historicamente escravocrata, com população formada por descendentes de pessoas trazidas da África para cá e que sofrem muito preconceito.

Também comentaram o uso de palavras preconceituosas e pejorativas relacionados aos negros, “como ovelha negra, humor negro”. Lembraram-se

do caso que estudaram – a morte violenta de George Floyd – e comentaram o fato de que em pleno século XXI ainda existe racismo, lembraram que esse não foi um único caso, e sim algo recorrente nos EUA e em outros lugares. “Antigamente já havia o preconceito, mas hoje em dia as pessoas não deveriam ser ignorantes a esse ponto” (Texto dos/as alunos/as, 2021). Concluíram que, no caso de Floyd, foram violados vários direitos humanos. O cartaz desse grupo foi construído com as últimas palavras de George Floyd acrescida de palavras e expressões lembradas pelo grupo. “Eu não quero sobreviver, eu quero viver”, “Porque as pessoas que pelo mundo sofrem racismo têm medo até de sair de casa e não voltarem mais vivos”, “Justiça por George Floyd”, “Diga não ao preconceito”, “Preconceito estrutural”.

Nesse caso, foi possível perceber que o grupo de estudantes já tinha uma bagagem sobre o tema, mobilizada por eles na hora de fazer a atividade. Exemplo disso é que em nenhum momento foram mencionadas as expressões “racismo estrutural” ou “crime hediondo” – termos que apareceram na fala e no cartaz. Percebe-se que buscaram outros estudos e leituras escolares e extra-escolares para argumentar.

O grupo 3 – formado apenas por meninas – trouxe questões sobre o caso de Malala. Na apresentação criticaram a cultura do Paquistão e comentaram o espanto de saber que lá as mulheres não têm voz e direitos. No cartaz, colocaram em destaque frases como: “Eu quero, eu posso, eu consigo”, “Não percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciadas”, “Um tiro não vai nos calar”, “Os direitos são de todos”, “Pioneiras de mudança, se um homem pode destruir tudo, por que uma menina não poderia mudar tudo?”, “Resistência, todos temos voz, esperança.” Ainda na apresentação, as estudantes fizeram uma comparação entre o Brasil e o Paquistão e informaram que resolveram retratar isso para que as mulheres não se caíam, como quando sofrerem qualquer tipo de abuso.

O grupo 4, por sua vez, ficou responsável pelo tema de casos de trabalho análogo à escravidão. No cartaz feito escreveram frases: “13 de maio de 1888 – o dia da falsa mudança” e “É difícil ensinar um truque novo para um cachorro velho” – que foram explicadas na apresentação. Segundo o grupo, 13 de maio de 1888 é um dia da falsa mudança, porque mesmo existindo essa libertação dos “escravos” ainda existem muitas pessoas sendo escravizadas, de dife-

rentes modos. Sobre a frase “É difícil ensinar um truque novo para um cachorro velho”, disseram que foi mencionado porque as pessoas foram criadas assim e para eles é normal acontecer tudo aquilo, então é difícil buscar e aceitar ideias novas, de mudança. No final da apresentação desse grupo, um dos estudantes volta a falar que é preciso entender o que são os Direitos Humanos e os 30 artigos que foram escritos após a Segunda Guerra Mundial, momento em que o mundo estava um “caos”. Disse também que a escravidão foi abolida em 1888 e parece que isso está somente no papel, pois muitas pessoas seguem sendo escravizadas, e mulheres e negros são os que mais sofrem preconceito. Esse grupo fechou a apresentação questionando: “Por que ainda existe o preconceito?”, “Por que as pessoas mais velhas aprenderam desta forma e não conseguem entender o novo?”, “Por que o novo é julgado como estranho ou errado?”. Essas perguntas ecoaram no final da apresentação desse grupo.

A última atividade da sequência didática aconteceu em 25 de novembro de 2021 e ocupou duas aulas, em que foi solicitado aos/as estudantes que escrevessem um texto sobre os direitos humanos e um comentário sobre a experiência de participar da atividade do World Café. Para auxiliar e orientar o desenvolvimento da escrita, foram registradas algumas perguntas na lousa: “O que são os direitos humanos?”, “O que poderia ocorrer na sociedade se mais pessoas soubessem e compreendessem completamente o conceito de Direitos Humanos?”, “Cite exemplos de violações de direitos humanos atualmente”.

Na questão referente à dinâmica World Café, foi pedido que escrevessem livremente apontando aspectos sobre ela – nessa tarefa, lembramos que a intenção era mapear as impressões sobre as potencialidades da dinâmica.

Foram entregues 27 redações e, para analisá-las, foi feito um quadro de síntese. Seguindo os tópicos indicados, procuramos perceber como os/as estudantes demonstraram a compreensão sobre o tema direitos humanos; como (e se) apresentaram exemplos de violações estudados; se demonstraram ideias favoráveis à dignidade humana, entre outros aspectos. Como forma de avaliar o conteúdo dos textos, indicamos dois conceitos: “compreenderam” ou “apresentaram dificuldade em responder”.

Tabela 1 – Dados coletados nas redações

Perguntas	Total de textos recebidos	Compreenderam	Tiveram dificuldade
O que são os direitos humanos?	27	27	0
O que poderia acontecer na sociedade se mais pessoas soubessem e compreendessem completamente o conceito de direitos humanos?	27	24	3
Cite exemplos de violações de direitos humanos atualmente.	27	22	5

Fonte: Produção das pesquisadoras.

A introdução do texto da aluna Deise² procura responder o que são os direitos humanos enfatizando sua importância, tanto de existirem como de serem colocados em prática:

Quando é perguntado sobre direitos humanos automaticamente é pensado em leis. Mas significa muito mais do que isso, significa oportunidade, liberdade, significa não sentir medo de ser quem você é por saber que existe algo muito maior para te defender, os direitos humanos. Mas infelizmente nem todos seguem e sabem a respeito disso, isso acaba prejudicando os indivíduos e também toda a sociedade. Para [que] algo deste tipo não ocorra com frequência ou nunca mais, é necessário que todo ser humano conheça sobre os direitos, mas não somente os que lhe convém, e sim todos os que existem. Se a população praticasse e levasse isso à risca os efeitos na sociedade seriam positivos. Diminuiria o racismo, preconceito e a população viveria em harmonia. (Deise, 2021)

O estudante Pedro escreveu sobre o documento estudado e sobre a história de luta sobre os direitos humanos.

A declaração universal dos direitos humanos foi criada após a segunda guerra mundial, depois de descobrirem os horrores do holocausto. Porém, essa não foi a

primeira vez que surgiu algo assim, desde a antiguidade foram surgindo diversas declarações que asseguraram direitos de igualdade e liberdade. (Pedro, 2021)

Os dois trechos citados exemplificam uma questão central e que foi de consenso nos textos: a compreensão do conceito de direitos humanos e da importância da declaração de 1948 – documento que impactou o grupo.

O aluno Alexandre intitulou sua redação como “A ignorância é fatal” e na introdução traz uma reflexão sobre o fato de a maioria da população desconhecer os direitos humanos: “Os direitos humanos atualmente são um dos assuntos mais relevantes, e que as pessoas menos têm conhecimento sobre. Para entendermos melhor a respeito dos direitos humanos, precisamos primeiro saber o que eles são” (Alexandre, 2021).

A estudante Amanda também descreve a importância em trabalhar a temática dos direitos humanos nas escolas:

Entretanto no Brasil e principalmente nas escolas, este não é um assunto muito comentado e discutido, tanto entre professores e alunos, quanto alunos e seus pais e responsáveis. Isto sem dúvidas traz uma grande desinformação entre a população brasileira, dificultando o saber sobre os seus direitos, diante das más situações que ocorrem [no] dia a dia da sociedade brasileira, isto é, de acordo com o artigo 2, discriminação de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, origem nacional ou social, independente da classe social ou qualquer outra situação. (Amanda, 2021)

Respondendo à questão de exemplos de violação dos direitos humanos, a estudante Tainá trouxe exemplos de ocorrências de violência racial no Brasil e juntamente cita quais artigos dos direitos humanos foram violados: “Como violações dos direitos humanos, podemos citar os diversos casos que aconteceram nas lojas Carrefour Brasil. De acordo com o artigo 3 ‘todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal’”. (Tainá, 2022). A estudante demonstrou a capacidade de interpretar e relacionar os casos de racismo com a violação dos direitos humanos, ela também defende que, se a sociedade compreendesse os direitos humanos teríamos um mundo mais justo.

Em continuidade, Luísa coloca em suas palavras o fato de que a sociedade deveria conhecer melhor os direitos humanos.

Um fato muito preocupante é o de muitas pessoas não conhecerem os seus direitos, fazendo com que passem por situações constrangedoras, humilhantes, etc. e não saberem que podem reivindicar seus direitos. E por esta falha de conhecimento ocorre muita exploração por exemplo em de uma criança estar na escola, ela está trabalhando em condições precárias. Com isso, conseguimos perceber que o nosso dever como cidadãos é mostrar os nossos direitos e lutar por eles. (Luísa, 2021)

A leitura das redações indicou que a sequência didática sobre direitos humanos contribuiu com o entendimento dos/as alunos/as sobre a temática e o exercício da cidadania, na medida em que o conhecimento do tema os levou a saber sobre seus direitos e aplicação destes. Perceber essa questão foi importante considerando-se as motivações da pesquisa indicadas no início do artigo – mover discussões sobre temas de cidadania é importante também no sentido de incentivar melhores relações entre as pessoas, individual e coletivamente. “A ideia de cidadania plena implica uma cidadania ativa e participativa, recupera o sentido de respeito integral e afirma a necessidade de materiais, sociais, políticos e culturais para a sua efetivação” (CANDAU, 2016, p. 44).

Outra questão que chamou atenção foi a relação que fizeram entre os casos e o documento histórico estudado – a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Numa relação entre o presente e o passado, buscaram no texto um referencial de compreensão do fato – luta pelos direitos humanos – como algo que está no tempo. Lembramos aqui do que escreveram Pereira e Seffner (2018, p. 21): “Em nossa concepção, um tema sensível vive do paradoxo temporal: o passado convive com o presente; um passado que não passa, um presente que não deixa de ser passado”.

Nos escritos dos estudantes, percebemos que houve o estabelecimento de uma relação entre o passado e o presente, e ainda uma percepção de permanência que incomodou pelas não mudanças que julgaram necessárias para a superação de situações problemas como racismo, preconceitos e as violações de direitos humanos.

APONTAMENTOS FINAIS

Para bell hooks (2013), “a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio”. Essa ideia foi inspiração para a pesquisa sobre a qual nos debru-

çamos neste artigo. Sobretudo pela ideia de que aulas de História podem ser espaço de construção de reflexões que sensibilizem pessoas para processos de mudança frente a situações de preconceito, discriminação e, no caso estudado, de violação de direitos humanos. Tratamos aqui de mostrar uma situação pontual de ensino e pesquisa sobre o ensino de História e suas possibilidades.

Inicialmente apresentamos ações de ensino e aprendizado de um tema vivenciado em sala de aula. Indicamos que houve estudo, entusiasmo, curiosidade, reflexão e produção de conhecimento nos trabalhos realizados. Foi possível observar que os/as alunos/as se motivaram com a prática. Os relatos com as avaliações positivas sobre a metodologia evidenciam que o sentimento passou pelo formato da dinâmica. Os alunos escreveram que esta foi positiva, pois dialogaram com outros colegas, tiveram vez e voz para expor suas ideias e, além disso, ainda tomaram café enquanto estavam no horário escolar.

É importante citar algumas das impressões desses estudantes feitas de modo escrito nas redações:

Aula descontraída, mas com grandes ensinamentos, aprendi não apenas sobre os direitos humanos, mas também a ouvir o ponto de vista de todos os colegas, com debates pacíficos e de muita importância não apenas para o meu eu aluno, mas também o particular, profissional e família. (Ana, 2021)

[...] a dinâmica World Café foi uma aula maravilhosa, onde foi possível aprender mais sobre os direitos humanos de uma forma mais descontraída e sociável sem dúvidas foi a melhor aula de História! Foi possível aprender muitas coisas, que inclusive me ajudaram a escrever minha redação de Enem. (Amanda, 2021)

Flavia Caimi pontuou que os alunos “reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor ‘legal’, ‘amigo’, menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável” (CAIMI, 2006, p. 18). Nesse sentido, especialmente o momento da dinâmica do World Café foi avaliado pelo grupo como algo que trouxe aprendizado pelo formato leve e agradável. No entanto, a exemplo de outras metodologias, o World Café exige que sejam feitas leituras, interpretação de texto, estudo, troca de ideias, escrita – ou seja, não abdicamos do método e do conhecimento histórico na atividade. O tema foi estudado his-

toricamente, com uso de documentos, e o grupo de estudantes foi desafiado a aprender sobre História.

Entendemos que não existe nenhuma fórmula milagrosa para a realização de aulas de História que entusiasmem os estudantes, nem buscamos seguir ou propor receitas. No entanto, o ensino de História é enriquecido quando entendemos diferentes formas de mobilizar os conteúdos em situações de ensino. Fazer diferença, promover mudanças no final do processo, parece ser algo importante para que estudantes de História mobilizem o que aprendem em suas vivências e em suas indignações sobre o que percebem em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cinthia Monteiro de. Alianças entre o PNEDH e o ensino de história: concepções docentes sobre as relações entre educação e direitos humanos. *Educação* Porto Alegre: Editora da UFPR, v. 36, n. 1, p. 67-73, jan./abr. 2013.
- ARAÚJO, Fabrícia Vieira. Direitos humanos e conteúdos de História: relações possíveis a partir das perspectivas de professores. *Revista História Hoje*, v. 9, n. 17, p. 58-79, 2020.
- BRASIL. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos, 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DIAGRAMAOPNEDH.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação é a base. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2020.
- BROWN, Juanita; ISAACS, David; WORLD CAFÉ COMMUNITY. *O World Café: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas*. Trad.: Moises Sales. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CAIMI, Flavia. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 17-32, jun. 2006.
- CANDAU, Vera Maria *et al.* *Educação em direitos humanos e formação de professores(as)*. São Paulo: Cortez, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GIL, Carmen Zeli. Vargas.; MESQUITA, Ilka Miglio de. Ensino de história com questões sensíveis. *Pensar a Educação*, Florianópolis/Belo Horizonte, v. 6, n. 2, jun./ago. 2020.

- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- HUNT, L. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Trad.: Rosaura Eichenber. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Paris: Comitê de Redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- PRATS, Joaquin. Ensinar história no contexto das ciências sociais: princípios básicos. *Educar em Revista*, Curitiba, ed. esp., p. 191-218, 2006.
- PEREIRA, Nilton Mullet. M.; SEFFNER, Fernando. Ensino de história: passados vivos e educação em questões sensíveis. *Revista de História e Ensino*, v. 7, n. 13, p. 14-33, jan./jun. 2018.
- PIOVESAN, Flávia. A constituição de 1988 e os tratados internacionais de proteção dos direitos humanos. Disponível em: <https://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/revistaspge/revista3/rev6.htm>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- ROCHA, Helenice Aparecida. Bastos. Aula de História: evento, ideia e escrita. *História & Ensino*. Londrina, v. 21, n. 2, p. 83-103, jul./dez. 2015.
- SILVA, Felipe Rodrigues da; VENERA, Raquel. Ensino de história, direitos humanos e narrativas: potencialidades da pesquisa-formação. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 9, n. 17, 2020, p. 131-161.
- VASONE, N. B. Discurso de ódio e direitos humanos. *WebArtigos*, 21 ago. 2015. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/discurso-de-odio-e-direitos-humanos/134918>. Acesso em: 4 jun. 2021.

NOTAS

¹ A pesquisa está vinculada ao grupo Ensino de História, Memória e Culturas, que conta com apoio do Edital PAP/UEDESC de financiamento para grupos de pesquisa.

² Os nomes são fictícios – para preservar o grupo de estudantes, ainda que todo o processo tenha sido autorizado e que tenha passado pelo Comitê de Ética na universidade.



Artigo submetido em 08 de agosto de 2023.
Aprovado em 22 de abril de 2024.